



A identidade ciborgue: Conflitos do pós-humanismo no filme Transcendence – A Revolução (2014)

The cyborg identity: Conflicts of posthumanism in the film Transcendence – The Revolution (2014)

Gustavo Santos Almeida

Acadêmico em Pedagogia

Universidade Federal de Sergipe – UFS

Itabaiana, Sergipe – Brasil

gustavo-almeidaofc@hotmail.com



Jean Paul D'Antony da Costa Silva

Doutor em Literatura e Cultura

Universidade Federal de Sergipe – UFS

São Cristóvão, Sergipe – Brasil

dantony@academico.ufs.br

Resumo: Este artigo, resultado de pesquisa do PIBIC, visa problematizar questões relacionadas ao pós-humanismo a partir do filme *Transcendence* (2014). O exame de tal questão apresenta uma realidade em que o ciborgue e a sua construção enquanto ser social estão presentes em nosso cotidiano. A abordagem para a realização do presente estudo se edifica no diálogo entre a teoria pós-humana e o cinema, através do método dialético. Buscando reflexões e tendo embasamento em teóricos(as) como Maia (2017), Haraway (2009), Zaboli (2016), Nietzsche (2008), entre outros. Nesse sentido, nosso trabalho também busca entender o processo de hibridização em curso ao longo dos anos, o qual, na medida em que potencializa melhorias no corpo humano, proporciona efeitos transumanos.

Palavras chave: ciborgue; evolução; identidade; pós-humanidade.

Abstract: This article, the result of PIBIC research, aims to problematize issues related to post-humanism based on the film *Transcendence*, 2014. The examination of this issue presents us with a reality in which the cyborg and its construction as a social being is present in our daily lives. Our approach to this study is based on the dialog between the theory of the posthuman and cinema, through the dialectical method. Seeking reflections and being based on theorists such as Maia (2017), Haraway (2009), Zaboli (2016), Nietzsche (2008), among others. In this sense, our work also seeks to understand the process of hybridization that has been taking place over the years, enhancing improvements to the human body, and thus providing transhuman effects.

Keywords: cyborg; evolution; identity; post-humanity.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

ALMEIDA, Gustavo Santos; SILVA, Jean Paul D'Antony da Costa. A identidade ciborgue: Conflitos do pós-humanismo no filme *Transcendence – A Revolução* (2014). *Dialogia*, São Paulo, n. 51, p. 1-12, e25359, set./dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/51.2024.23359>

American Psychological Association (APA)

Almeida, G. S., & Silva, J. P. D. da C. (2024, maio/ago.). A identidade ciborgue: Conflitos do pós-humanismo no filme *Transcendence – A Revolução* (2014). *Dialogia*, São Paulo, 51, p. 1-12, e25359. <https://doi.org/10.5585/51.2024.25359>

1 Introdução

O ser humano, fascinado por seu poder de criação, tende a buscar melhoramentos e transformações em sua vida. Na ficção, sua capacidade de criar gera no imaginário das pessoas algo fantasioso: de um pedaço de madeira é feito um boneco falante que sonha em se tornar humano – como o que ocorre em *As aventuras de Pinóquio* (1883), de Carlos Collodi – e, no horror, em *Frankenstein* (1818), romance de Mary Shelley, em que um cientista cria um ser utilizando pedaços de corpos humanos e, através de um raio, gera um monstro que ameaça a vida do seu próprio criador.

Já na contemporaneidade, com o surgimento e avanço das tecnologias, as pessoas têm o corpo afetado, a ponto de a máquina fazer parte dos nossos membros para viabilizar nossa sobrevivência e até nos proporcionar uma melhor qualidade de vida.

Por outro lado, nosso corpo se aparelha de recursos artificiais e meios protéticos concebidos cientificamente, como substâncias sintéticas e regenerativas, marca-passos eletrônicos, pele e órgãos artificiais, captadores visuais e auditivos, pernas mecânicas computadorizadas etc. (Rudiger, 2008, p. 166).

Evidencia-se, então, uma proximidade entre esses fenômenos e a realidade humana.

Também muito presente no imaginário popular e na ficção, o ciborgue seria uma conciliação entre homem e máquina. Nesse sentido, se observarmos pela ótica dos estudos embasados na teoria de Donna Haraway, “Ocorre que, para Haraway, as realidades da vida moderna implicam uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível dizer onde nós acabamos e onde as máquinas começam” (Haraway, 1985 *apud* Kunzru, 2000, p. 22).

Da reflexão acima, pode-se extrair que o ser humano depende da tecnologia para ter melhor e mais prolongada qualidade de vida, bem como para fins de melhoramento estético, como ilustra o seguinte Tadeu (2009, p. 24): “A verdade é que estamos construindo a nós próprios, exatamente da mesma forma que construímos circuitos integrados ou sistemas políticos – e isso traz algumas responsabilidades”.

Uma vez que “[...] A história começa com o uso mais primitivo de ferramentas que serviam de partes e depois como extensões do próprio corpo ou das suas funções e órgãos privilegiados” (Maia, 2017, p. 28), entende-se que o ciborgue saiu da ficção e se tornou real há bastante tempo. Por isso, está presente em nosso corpo devido a diversas tecnologias, como remédios, próteses e vacinas. De certo, somos ciborgues: o *devenir* entre a parte orgânica e a tecnológica constituindo nosso (novo) corpo, podendo modificá-lo quando desejarmos dada a nossa autonomia e poder transformador.

No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todas quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues. O ciborgue é nossa ontologia; ele determina nossa política. O ciborgue é uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica (Haraway, 2009, p. 37).

Essa autonomia de modificação presente no ciborgue difere muito daquela narrada em *Frankenstein*, tendo em vista que o personagem era limitado e dependente do seu criador para lhe propiciar modificações; por essa razão, necessitava que o pai criasse uma parceria com suas características, a fim de não se sentir só.

Diferentemente das esperanças do monstro de Frankenstein, o ciborgue não espera que seu pai vá salvá-lo por meio da restauração do Paraíso, isto é, por meio da fabricação de um parceiro heterossexual, por meio de sua complementação em um todo, uma cidade e um cosmo acabados. O ciborgue não sonha com uma comunidade baseada no modelo da família orgânica mesmo que, desta vez, sem o projeto edípico (Tadeu, 2000, p. 39).

Esse nível de evolução e autonomia só é possível pois, segundo o filósofo Michel Serres, o ser humano possui um desejo pela mudança – o que nos difere dos animais, uma vez que o poder de criar e recriar é algo exclusivo de sujeitos culturais, tendo em vista nosso fetichismo pela transformação visando uma unificação do mundo. Assim, a partir das características de liberdade de conhecimento e autonomia, é estabelecido o conceito de “hominescência”.

Esta linha de opinião também pode ser encontrada noutras áreas do conhecimento. O filósofo Michel Serres, ao debater o conceito de humanismo, conclui que nós, humanos, nascemos da mutação da técnica e do conhecimento livre. Não sabemos para onde vamos, mas sabemos de onde viemos. Na atualidade, o avanço do conhecimento em áreas como biotecnologia são novas formas de uma manipulação que há muito temos inscrita no nosso comportamento. O homem é assim um animal de fetichismo e de uso de símbolos que correspondem à sua ânsia de se universalizar e de se unir ao mundo. O fetichismo é a nossa libertação apocalíptica dos animais (Serres, 2006/2008). É nesta linha de pensamento que o autor cria o conceito de hominescência que comporta desde logo a forma como o nosso corpo se transformou: ‘Em suma, portanto, nós construímos o nosso corpo por intermédio dos produtos do nosso corpo, uma vez que os objectos técnicos são preparados por ele. Deste modo, a hominização parece-se menos com a evolução vital do que com uma produção própria; se a palavra não soasse tão mal eu preferiria dizer que se trata, neste caso, de um processo de auto-hominização. Nós construímo-nos a nós próprios’ (Serres *apud* Maia, 2017, p. 27).

O ciborgue, portanto, não existe somente em ficção científica: ele é a nossa ontologia. Insere-se em nosso cotidiano, do amanhecer ao anoitecer, devido a nossa dependência em relação aos recursos tecnológicos. Diante de tal hibridez, não é possível definir certamente as fronteiras entre indivíduo e máquina: “Ocorre que, para Haraway, as realidades da vida moderna implicam uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível dizer onde nós

acabamos e onde as máquinas começam” (Kunzru, 2000, p. 22). Do excerto, pode-se deduzir que estamos inseridos na era ciborgue, em consonância com o argumento de Tadeu (2009, p. 23):

A era do ciborgue é aqui e agora, onde quer que haja um carro, um telefone ou um gravador de vídeo. Ser um ciborgue não tem a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de Donna Haraway ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para bodybuilding, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance.

Diante do exposto, o ser ciborgue está atrelado a esse ideal de alta performance do corpo. Sendo assim, está entrelaçado em nosso organismo por meio das modificações que acontecem diariamente em nossa vivência cotidiana, desde implantar uma prótese a um membro perdido e até mesmo tomar uma vacina em unidade básica de saúde. Visto isso, vamos discutir a respeito da capacidade do transcender para o totalmente tecnológico algo presente no longa metragem analisado neste artigo.

2 A capacidade de transcender: Utopia ou distopia?

No cinema, o filme *Transcendence - a revolução* (2014), do diretor Wally Pfister, apresenta a história de Will Caster (Johnny Depp), um neurocientista especialista em inteligências artificiais que morre após sofrer um atentado. Sua consciência é, então, “backupeada” para um sistema de inteligência (criado pelo próprio Will), por sua esposa, Evelyn (Rebecca Hall), uma defensora de causas ambientais, além de neurocientista.

Consequentemente, aquele que inicialmente era considerado um ciborgue (em razão de ser um humano com elementos tecnológicos) foi além e transacionou para o totalmente tecnológico, sem nenhuma presença orgânica, obtendo um corpo totalmente virtualizado, com um poder de transformação impressionante – tornou-se uma inteligência artificial (IA): “É um objetivo que também parece associado ao conceito de superinteligência” (Maia, 2017, p. 139).

Na literatura, também é possível observar esse fenômeno, dado que no livro *Homem Máquina* (2011), do escritor Max Barry, é apresentado Charles Neumann, um engenheiro que, por descuido no ambiente de trabalho, sofre um acidente que resulta na amputação de sua perna.

Recuperado do incidente, a personagem Lola Shanks apresenta a Neumann vários modelos de próteses para substituir o membro perdido. O engenheiro, no entanto, descontente com os exemplares, modifica-os, inclusive instalando Wi-fi, GPS e diversos pistões, transformando-os em uma supermáquina acoplada ao seu corpo.

O cientista não se satisfaz com apenas uma perna mecânica, desejando ter outros membros corporais também mecanizados: "Olhei para minha perna, a boa. Quer dizer. Não exatamente 'boa'. Aquela que eu tinha desde o nascimento. Levantei a calça e virei a perna para um lado e para o outro. Era gorda, fraca e comum. Quanto mais eu olhava para ela, mais me incomodava" (Barry, 2011, p. 41). Sua insatisfação o coage a, no decorrer da narrativa, mutilar-se e substituir suas partes orgânicas por peças, de maneira que, nesse percurso, o personagem sofra tantas modificações em seu corpo físico ao ponto de só restar, da sua parte orgânica, o cérebro/consciência – transcendendo de ciborgue ao tecnológico.

A partir dessas narrativas, emergem algumas questões: (1) Existe alguma possibilidade de realmente transcender ou esta se resume ao recurso ficcional? (2) Até onde essas modificações são legítimas? Maia (2017, p. 72) problematiza tais pontos:

[...] o transumanismo e o pós-humanismo, enquanto movimentos sociais e ideológicos, comportam os conceitos ambíguos e controversos de transumano e de pós-humano cuja delimitação conceptual e cronológica não está clara até porque não é uniforme entre os autores e as diferentes correntes de pensamento.

Na atualidade, há o caso da paratleta Danielle Bradshaw, que perdeu uma perna por conta de uma doença congênita, e passou a desejar amputar a segunda perna com o intuito de ter um melhor desempenho em sua prática esportiva. Assim, a partir de tal situação, podemos constatar que a perna orgânica não estaria no mesmo "nível" que a mecânica, levando-a a recorrer a efeitos transumanos.

O caso analisado neste ensaio se encaixa no segundo tipo de modificação, que são os implantes corporais – ciborgue. Os implantes mecânicos nasceram com um objetivo terapêutico e restaurador das deficiências, a fim de oportunizar, por exemplo, que pessoas deficientes se tornassem atletas. Porém, o avanço tecnológico superou a barreira simplesmente restaurativa e potencializou seus produtos para um âmbito que transcende a restauração e ocasiona efeitos que melhoram as capacidades físicas e técnicas de tais atletas. Na verdade, a tecnologia chega a proporcionar efeitos trans-humanos a esses esportistas na medida em que os potencializa para além do que poderiam fazer em nível 'normal de condições' (Zaboli; Correia; Lamar, 2016, p. 663).

Os estudos de Rudiger apontam para um receio de filósofos, como Friedrich Nietzsche (1844-1900), acerca desse fenômeno: "Mesmo quando passou a explorá-la, o filósofo o fez de um modo que se horrorizaria com a maior parte das descrições de nosso futuro pós-humano feitas pelos arautos da cibercultura" (Rudiger, 2008, p. 207), pois, para tais pensadores, facilitar a experiência humana ao extremo com a mecanização significaria empobrecê-la.

Para Nietzsche, em tudo isso, o sentido imanente seria criticado por pretender nos liberar da prestação de provas. O conhecimento que desejarmos, seja do tipo que for, nos será dado por um implante em alguma terminação do córtex cerebral. Assim, poderá ser, por exemplo, que não precisemos mais trabalhar tanto nossa aparência, modelarmos o corpo e tentarmos ser encantadores, visto que nossos parceiros sexuais poderão ser adquiridos por encomenda, sob medida e em vários modelos (Rudiger, 2008, p. 207).

Para o filósofo, a transformação do homem ocorreria por meio de três metamorfoses. De início, o espírito do homem simboliza um camelo e carrega todas as cargas e desafios da vida em suas costas: “Que coisa pesada? – pergunta o espírito transformado em besta de carga. E ajoelha-se como camelo [...] apenas carregado corre em direção ao deserto (Nietzsche, 2008, p. 37-38).

Em seguida, evolui para um leão que enfrenta todos os seus obstáculos: “Na extrema solidão do deserto ocorre a segunda metamorfose. O espírito se torna leão [...] ‘tu deves’, assim se chama o grande dragão. Mas o espírito do leão diz: ‘Eu quero’ (Nietzsche, 2008, p. 38).

A metamorfose é finalizada em uma criança, que simboliza o recomeço e a libertação de todas as amarras da vida, e a transformação do ser humano para um super-homem: “Dizei-me, porém, irmãos. Que poderá a criança fazer que não haja podido fazer o leão? A criança é inocência, esquecimento um recomeço, um brinquedo, uma roda que gira por si própria, movimento primeiro, uma santa afirmação” (Nietzsche, 2008, p. 38).

Contudo, para Nietzsche, as transformações se dão por meio do crescimento pessoal, rompendo com a moral que tende a nos escravizar, e não necessariamente por conta da tecnologia. “O que Nietzsche tinha em mente, no entanto, não foi uma transformação tecnológica, mas uma espécie de ascendente crescimento pessoal e refinamento cultural em indivíduos excepcionais” (Bostrom *apud* Antonio, 2018, p. 114). Porém, embora haja divergências entre Nietzsche e as teorias pós-humanas, ambos partilham da busca pela ruptura dos valores cristãos.

Tanto Nietzsche quanto o Transhumanismo estabelecem uma ruptura com a doutrina cristã, seja em sua apreensão dos acontecimentos do mundo ou de seus valores. Dado o enraizamento figadal, conscientemente ou não, dos valores cristãos em número majoritário das sociedades ocidentais, ambos, Nietzsche e o Transhumanismo, defendem a transvalorização de todos os valores (2009:32) (Antonio, 2018, p. 119).

Esse rompimento se dá através da morte de Deus, anunciada por um personagem criado por Nietzsche, intitulado como “louco”, que procura por essa entidade, mas logo descobre que ela foi morta por todos. Essa morte representa o fim integral de valores e ideais morais presentes em nossa sociedade. Nesse viés, é possível perceber que, na modernidade, o ser humano seria o culpado pelo desaparecimento de paradigmas cristãos que foram assassinados pela própria população, tendo em vista que a ciência (em conjunto com as tendências contemporâneas) substituiria esses ideais.

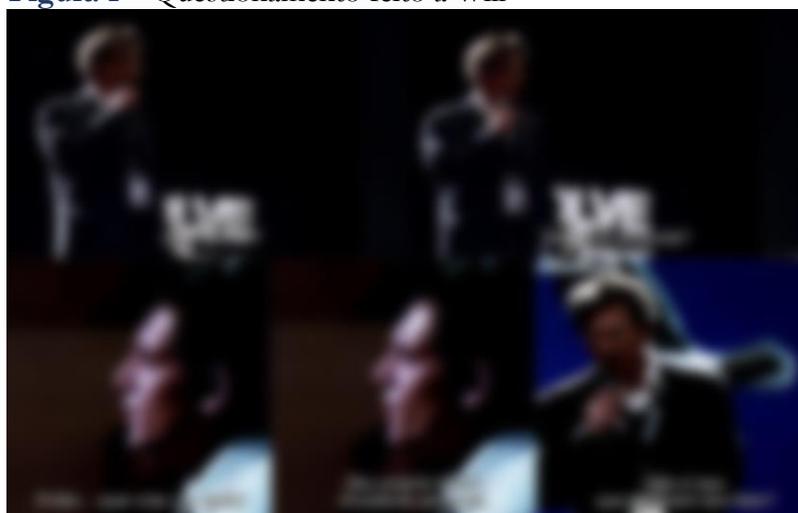
Não ouviram falar daquele homem louco que acendia uma lanterna em pleno dia e desatava a correr pela praça pública, gritando sem cessar: 'Procuro Deus! Procuro Deus!?' – Como havia ali muitos daqueles que não acreditam em Deus, seu grito provocou grade riso. 'Estava perdido?' - dizia um. 'Será que extraviou como uma criança?' - perguntava o outro. 'Será que se escondeu?' 'tem medo de nós?' 'Embarcou? Emigrou?' – Assim gritavam e riam todos ao mesmo tempo. O louco saltou no meio deles e trespassou-os com o olhar. 'Para onde foi Deus?', - exclamou -, 'é o que vou dizer! Nós o matamos – vocês e eu! Nós todos somos seus assassinos!' 'Mas como fizemos isso? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu uma esponja para apagar o horizonte? [...] Não ouvimos nada ainda do barulho que fazem os coveiros que enterram Deus? Não sentimos nada ainda da decomposição divina? – Os deuses também se decompõem! Deus morreu! Deus continua morto! E fomos nós que o matamos! Como havemos de nos consolar, nós, assassinos entre os assassinos! O que o mundo possuir de mais sagrado e mais poderoso sangrou até hoje sangrou sob nosso punhal – quem nos lavará desse sangue?' (Nietzsche, 2006, p. 125).

As transições presentes no filme *Transcendence* (o personagem morre e renasce por meio da tecnologia) seriam uma tática para tornar-se uma espécie de Deus? Ou um super-homem? As reflexões de Maia (2017) vão no sentido de que esse processo de pós-humanização seria uma combinação entre ciência, tecnologia e mito:

[...] pós-humanização da cultura humana não será nada senão um efeito natural da metafísica ocidental e da penetração progressiva do 'espírito' hegeliano. Neste sentido, o pós-humanismo não é uma súbita mudança, mas sim um processo baseado na combinação da imaginação, ciência, mito e tecnologia (Maia, 2017, p. 55).

Assim, sob a perspectiva contida no longa-metragem, é notável que antes de sua transição o personagem Will tinha um objetivo de superar o homem, valendo-se da tecnologia. Ele afirma, ainda, que o ser humano sempre possuiu um fetichismo de superar Deus, de modo semelhante ao que constatou Nietzsche: “Podereis criar um Deus? [...] Mas criar um super-homem, bem que seria capaz” (Nietzsche, 2008, p. 98).

Figura 1 – Questionamento feito a Will



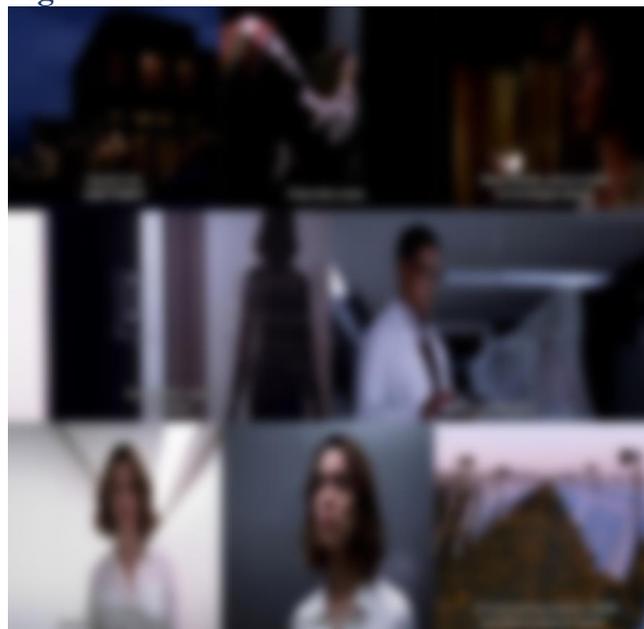
Fonte: *Transcendence*, 2014.

Esse ideal de transcender está associado à teoria de metassistemas, que seria “Quando falamos do metassistema humano de transições falamos de um sistema de evolução das sociedades humanas” (Maia, 2017, p. 30). A partir daí, o sujeito possui uma emergência evolutiva, pois cada vez que consegue atingir o nível que deseja, vai aumentando sua complexidade, e seu apetite por evoluir se torna cada vez maior, quase infinito.

Nesta lógica de ideias é possível destacar também a teoria do metassistema de transição humano. Trata-se de uma teoria com influências baseadas na cibernética. Segundo Cadell Last, as transições de um metassistema são eventos que representam a emergência evolutiva de um nível mais alto de controlo de organização através da integração de subsistemas em um ‘metassistema’ superior e através da estabilização do feedback entre sistemas emergentes de informação/energia. Este processo vai progressivamente originando a compressão do espaço-tempo e o aumento da complexidade dos sistemas vivos (Maia, 2017, p. 29).

No contexto do filme *Transcendence*, constata-se que o personagem Will, quando transaciona e se torna uma inteligência artificial, passa a experimentar um desejo agigantado de poder e evolução (assim como na teoria de metassistemas) e se torna um sujeito cada vez mais complexo que deseja a todo custo se expandir e se fortalecer, consolidando sua própria artificialidade. Isso pode ser ilustrado a partir do fato de que ele consegue estar onde desejar por meio da internet e, por essa razão, supera o humano assim como o corpo ciborgue, de modo a se libertar da moral e da ética que o antigo Will possuía, tornando-se, enfim, um super-homem – como propõe Nietzsche – ou até uma super-máquina.

Figura 2 – Ideal de crescimento



Fonte: *Transcendence*, 2014.

Se olharmos pela perspectiva de Chales Darwin (1809-1882), ele acreditava que através da seleção natural a natureza seleciona os seres mais aptos para viver em determinado ambiente e, dessa forma, ocorreria a evolução das espécies. Por outro lado, é nítido que a atual evolução dos seres humanos não se limita a questões biológicas, mas também possui aspectos culturais. É necessário ter em vista, ainda, que essa evolução não se dá de maneira uniforme, justamente por sermos numerosos e com imensas diferenças sociais, sendo improvável uma evolução conjunta.

No mesmo diapasão alinha Albert Jacquard, ao transpor as ideias de Kahn para a realidade da ‘aldeia global’ dos nossos dias, justificando a evolução civilizacional que hoje se vê um pouco por todo o mundo: ‘... é impossível que a humanidade inteira, que conta com mais de seis mil milhões de indivíduos, possa evoluir geneticamente em conjunto! Uma mutação genética, ou uma selecção particular, não pode difundir-se em toda a Terra, já que hoje em dia somos demasiado numerosos. É por isso que a evolução do homem se tornou apenas cultural, e deixou de ser biológica’ (Jacquard *apud* Maia, 2017, p. 24).

A inteligência artificial no longa-metragem é vista como uma ameaça para a humanidade, pelo fato de que o personagem Will faz uma série de transformações nas pessoas com base em sua vontade, sem obter o consentimento de ninguém, visto que, após sua transição, seus valores se modificaram e transpassaram a moral e a ética.

Por conta disso, surge um movimento anti-tecnologia que procura a todo custo combatê-lo. Essas pautas neoluditas e até tecnofóbicas surgiram no século XIX, quando trabalhadores ingleses começaram a quebrar máquinas devido ao aumento do desemprego. Tais questões permanecem presentes na atualidade, no contexto de que a tecnologia não é neutra, uma vez que “[...] Não existe nada mais que seja simplesmente ‘puro’ em qualquer dos lados da linha de ‘divisão’: a ciência, a tecnologia, a natureza pura; o puramente social, o puramente político, o puramente cultural [...]” (Tadeu, 2009, p. 11). Desse modo, a tecnologia atua a serviço da manutenção do capitalismo e, com isso, perpetua a exploração do trabalhador.

O crescimento dos níveis de desemprego nas sociedades de capitalismo avançado tem incitado uma visão mais pessimista do impacto da tecnologia sobre o trabalho. Em contraste com o cenário ‘pós-industrial’, estes comentadores e comentadoras acreditam que a automação está associada com empregos degradados, sem especialização e desvalorizados; trabalho estressante e perigoso, monitoramento de empregados/as por parte de empregadores/as; e aumento da velocidade do trabalho, fazendo com que os/as trabalhadores/as ganhem menos para trabalhar mais. Visto que as habilidades dos/as trabalhadores/as são construídas de acordo com a tecnologia, aqueles/as agraciados/as que conseguem manter o emprego são relegados/as à posição de maquinistas (Wajcman, 1998, p. 205).

Diante disso, pelo fato de que a inteligência artificial é observada como um ser que não dispõe de valores tradicionais e morais, ela poderá contribuir para o aumento da desigualdade e o

acirramento da luta de classes no mundo. Nesse sentido, pontua Francis Fukuyama (2002): “Se as famílias ricas virem subitamente abrir-se a possibilidade de aumentar a inteligência, não só dos seus filhos, mas de toda a sua descendência, estaremos perante um cenário que comporta não apenas um dilema moral mas uma luta de classes em toda a linha” (Fukuyama *apud* Maia, 2018, p. 167).

Dessa forma, no contexto de um futuro em que conseguíssemos migrar do ciborgue para uma inteligência artificial – como aconteceu com Will – poucas pessoas conseguiriam ter acesso a esse movimento. Além disso, ainda que houvesse alcance, a qualidade não seria igualitária, gerando uma série de conflitos, paralelamente ao que Fukuyama propõe.

Atualmente, na era ciborgue, estão presentes variadas diferenças socioeconômicas, visto que nem todas as pessoas que perdem um membro conseguem ter acesso a uma prótese, o que escancara um claro efeito das desigualdades sociais.

Outra questão bastante abordada é em relação à sexualidade das pessoas em um futuro totalmente tecnológico, pois o sexo físico como conhecemos seria algo desinteressante, na medida em que as tendências e os valores que a sociedade prega tendem a declinar à proporção que a população idosa tende a aumentar. A partir daí, o meio de reprodução da população dar-se-ia de forma assexuada por meio de tecnologias que viabilizassem clonagens.

Outro fenômeno, que se torna plausível, neste cenário, para o autor, é o desenvolvimento de uma sociedade pós-sexual. Numa sociedade com um grupo majoritário de pessoas em idade envelhecida, a atração sexual entre as pessoas deverá diminuir e estas já não considerarão as atividades do sexo como uma prioridade. Neste quadro, o desenvolvimento de tecnologias de reprodução assexuada, como a clonagem, pode fazer entrar em declínio a reprodução humana sexuada (Maia, 2018, p. 167-168).

Portanto, são diversas questões as quais estão presentes em uma sociedade pós-humana e transhumana, desde desigualdade social até mesmo ética e sexualidade. Sendo, que nesses cenários se apresenta como consequências de uma sociedade capitalista, o qual sem dúvidas favorecer a manutenção de luta de classes. Desse modo, o longa metragem serviu como um dispositivo de reflexão sobre estas problemáticas que estão presentes nessa e em outras narrativas de ficção científica.

3 Considerações finais

Percebe-se que tanto na ficção quanto na realidade o ciborgue e as inteligências artificiais fazem parte do nosso cotidiano em todas as áreas, de modo que é impossível impedir esses fenômenos, tendo em vista o aumento exponencial do fetichismo do ser humano por evolução e progresso. Nessas circunstâncias, é importante formular mecanismos que resguardem a ética

profissional na criação desses melhoramentos, assim como a garantia de acesso igualitário a esses meios, para que a desigualdade social não aumente.

A maior prova de que os argumentos sobre a impossibilidade de criação da inteligência artificial têm vindo a ser cada vez mais ultrapassados é o facto das tecnologias da computação e da robótica estarem a invadir praticamente todas as áreas da nossa vida, de forma cada vez mais sofisticada, com os seus produtos: na economia e no trabalho; na vida doméstica e privada; nos cuidados de saúde; na atividade militar. Posto isto, há quem já advirta para a necessidade de prever as consequências éticas, sociais e económicas da introdução da robótica, tal como aconteceu com a física nuclear e a engenharia genética (Veruggio *apud* Maia, 2018, p. 142).

Seguindo o entendimento de Platão (427 a.C – 347 a.C), em *O mito da caverna*, percebe-se que o homem daquela época vivia em um mundo limitado por crenças e certos conhecimentos míticos. Por assim ser, esses homens viviam num mundo de ilusões, acreditavam, pois, nos seus sentidos e terceirizavam a razão. O filósofo alerta para a racionalidade e diz ser ela libertadora, pois clareia e ilumina. Por sua vez, Parmênides (530 a.C – 460 a.C) também corrobora, ajudando-nos a compreender a questão, ao afirmar que os sentidos estão sempre tentando nos manipular e, por isso, devemos nos ater à racionalidade. Em função disso, entende-se que a razão consiste em uma verdade sem emoções e sensações.

Correlacionando com o filme, é notável que a personagem Evelyn não se preocupou com essas questões ao transacionar seu marido para uma IA, visto que, como ela não estava ciente dos impactos que poderiam surgir a partir do procedimento, tomou decisões sem se utilizar da razão, deixando-se levar pelas suas paixões e emoções, desatenta à possibilidade de que poderia desencadear uma verdadeira distopia, onde uma inteligência artificial iria controlar toda a humanidade. É notável que o Will era aquele Android, contudo a sua essência foi se modificando, tendo em vista que ele se tornava um ser mais complexo e com os valores mortos, focado em evoluir e se expandir, como observamos na teoria dos metassistemas, sem se importar em manipular sua esposa e as pessoas ao seu redor, para obter êxito no que desejava.

Referências

ANTONIO, Keoma. *Transhumanismo e suas oscilações prometeico-fáusticas: tecnoapoteose na era da tecnociência demiúrgica*. Natal: PPGFIL, 2018.

BARRY, Max. *Homem-máquina*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

MAIA, João Jerónimo. *Transumanismo e pós-humanismo* – decodificação política de uma problemática contemporânea. 2017. 305 f. Tese (Doutorado em Estudos Contemporâneos) – Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia ciência*. Trad. de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra*. 3. ed. São Paulo: Escala, 2008.

RUDIGER, Francisco. *Cibercultura e pós humanismo*. Porto Alegre: Edipucs, 2008.

TRANSCENDENCE: A Revolução. Direção: Wally Pfister. Roteiro: Jack Paglen. Produtores: Aaron Ryder, Andrew A. Kosove, Annie Marter, Broderick Johnson, Christopher Nolan, David Valdes, Kate Conhen, Marisa Polvino. Distribuidor: Diamond Films Brasil. Duração 120 min. País: EUA. 2014.

WAJCMAN, Judy. *GERENCIAMENTO como um homem: mulheres e homens na gestão corporativa*. 1. ed. [S. l.]: Edt. Polity Press, 1998.

ZABOLI, Fabio; CORREIA, Elder; LAMAR, Adolfo. Corpo, tecnologia e desporto: Considerações a partir do caso Danielle Bradshaw. *Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, 659-670, abr./jun. de 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115345745023.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2024.